

**O FALAR RURAL NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO:
NOMEAÇÕES PARA “FORQUILHA”**

Luciene Gomes Freitas Marins (UEMS)

lucienefreitasmarins@gmail.com

Aparecida Negri Isquerdo (UFMS)

RESUMO

Os estudos lexicais podem atuar, entre outros, como mecanismo de identidade, revelando, pois, as peculiaridades das normas linguísticas de determinados grupos sociais. Nesse sentido, o acervo lexical utilizado pelos falantes pode evidenciar tanto traços socioculturais quanto marcas socioeconômicas do espaço geográfico onde nasceram ou residem esses usuários do sistema linguístico. No caso do português contemporâneo falado no Brasil Central, pode-se observar que ele ainda é marcado por traços de ruralidade, constituído pela própria formação da cultura local onde comungam os falares dos vaqueiros, boiadeiros, peões, índios, além das peculiaridades linguísticas trazidas pelos imigrantes das diversas regiões do País, sobretudo na década de 80 do século XX, em decorrência dos movimentos de povoamento. Nessa perspectiva, este trabalho busca discutir a presença de marcas de ruralidade na fala dos habitantes da região Centro-Oeste, com base nos dados documentados pelos inquiridos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Para tanto, serão consideradas as perspectivas diatópicas, diastráticas e diageracionais, além da análise léxico-semântica das oito unidades (forquilha, cangalha, canga, cambão, gancho, coleira, cabresto e quaiçeira) fornecidas por 108 habitantes como resposta para a pergunta 054 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, área semântica das atividades agropastoris que apura designações para “armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais para não atravessarem a cerca”. Em suas implicações, a análise léxico-semântica desses itens lexicais foi dividida em dois grupos: (i) o estudo dos itens que podem nomear a armação de madeira e (ii) aqueles que nomeiam outros conceitos também ligados ao universo rural. Os pressupostos teóricos para este estudo são oriundos da geolinguística, da dialetologia e lexicologia.

Palavras-chave: Falar rural. Forquilha. Centro-Oeste. Geolinguística. Léxico.

1. Preliminares

Por meio do estudo do léxico é possível compreender aspectos da forma como o homem interpreta a vida em sociedade, considerando-se que “[...] o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

No caso do léxico dos habitantes da região Centro-Oeste do Brasil, em virtude do próprio processo de povoamento e das atuais características sócio-político-culturais dessa faixa do território brasileiro, ele

ainda reúne um repertório vocabular relacionado a práticas rurais. Além disso, o falar dos habitantes dessa região pode atuar como um mecanismo revelador de uma identidade que ora se modifica, a depender do contato entre diferentes grupos sociais (jovens/idosos; homens/mulheres; baixa/alta escolaridade), ora se cristaliza em dados espaços geográficos, motivado por fatores históricos, migratórios, econômicos, dentre outros.

Por considerar que unidades léxicas típicas do universo rural podem ser encontradas, em grande monta, na variedade do português brasileiro, em decorrência de fatores sócio-históricos, o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) contempla 25 perguntas voltadas especificamente para a área das *atividades agropastoris*. Desse rol, este trabalho selecionou como objeto de investigação a pergunta que busca designações para a “armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais para não atravessarem a cerca” (QSL/054)¹²⁸. Os dados aqui discutidos foram recolhidos por meio de entrevistas realizadas com 108 (84 no interior e 24 nas capitais) informantes de 24 localidades da região Centro-Oeste.

Neste estudo, parte-se do pressuposto de que dados geolinguísticos podem fornecer informações acerca da presença de determinadas especificidades da norma regional que singularizam o falar dos centroestinos. O estudo está ancorado em princípios teórico-metodológicos da dialetologia, da geolinguística, da lexicologia e da semântica-lexical e está estruturado em três tópicos. O primeiro tece considerações sobre concepções de léxico e sua relação com a história social de uma região e, consequentemente, com a cultura que identifica uma comunidade linguística. O segundo tópico, por sua vez, discute a questão da influência do falar caipira descrito por Amadeu Amaral (1920) na norma linguística dos habitantes da região Centro-Oeste. Já o terceiro tópico analisa dados do Projeto ALiB em três perspectivas: espacial, social e léxico-semântico.

2. O léxico do português brasileiro: breves considerações

De acordo com Biderman (2001, p. 13), “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente

¹²⁸ Parte deste texto recupera resultados obtidos por Marins (2012) por meio de pesquisa acerca de manifestações da relação rural e urbano no léxico dos habitantes da região Centro-Oeste.

[...]”. Assim, o repertório lexical de uma língua revela não somente a cultura de um povo, mas também a forma como o homem compreende as particularidades do mundo em que está inserido, classificando-o por meio das palavras, termo cuja conceituação configura-se como um problema complexo para a linguística.

Biderman (1999), por exemplo, estabelece três critérios para a delimitação do conceito de palavra: o fonológico, o morfossintático e o semântico. O primeiro entende palavra como uma sequência fônica com pausas, enquanto o segundo considera a classificação gramatical, em função dos marcadores morfossintáticos que ela apresenta e a função exercida pela palavra na sentença. E, por fim, o terceiro toma por base o princípio de que a delimitação semântica fornece a chave para identificar a unidade léxica no discurso (BIDERMAN, 1999, p. 83-87).

Do ponto de vista semântico, as unidades léxicas são dotadas de múltiplos sentidos, ou seja, de diversos valores semânticos, o que, por extensão, ocasiona o fenômeno da polissemia. Para Correia (2009, p. 49), em muitas situações é possível trocar uma unidade lexical por outra apenas porque ambas são parecidas, nesses casos, as unidades léxicas podem ser classificadas como parônimas, homógrafas ou homófonas.

Não é de se estranhar, pois, que no decorrer da história tenham surgido diversas correntes teóricas que tentaram definir o termo palavra, cada qual com sua maneira particular de ver a linguagem. Neste estudo, dada essa complexidade, utilizamos com igual valor os termos unidade léxica, item lexical, variante, declinando do uso do termo palavra.

Busca-se aqui analisar o léxico na sua relação com a cultura do povo que a fala¹²⁹. No caso da língua portuguesa, originada no território peninsular e posteriormente transplantada ao Brasil, por exemplo, é notória a interferência dos fatos sócio-históricos no desaparecimento, nas transformações, nas supressões e, em especial, nas inserções de novas unidades linguísticas.

No Brasil, o vocabulário do português transplantado que já era resultado de uma herança histórica de convivência de diversos povos peninsulares (romanos, iberos, celtas, dentre outros¹³⁰) entra em contato

¹²⁹ Considera-se, para tanto, a visão de Sapir (1980) acerca da relação língua e cultura e Sapir (1969) sobre língua e ambiente.

¹³⁰ Sobre esse assunto consultar, dentre outros autores, Carvalho e Nascimento (1970) e Haug (1994).

com as inúmeras línguas indígenas aqui já existentes e com a dos escravos africanos trazidos para o trabalho nos engenhos açucareiro; com o falar de outros povos (alemães, italianos, japoneses, entre outros), que também encontraram no solo brasileiro, sobretudo a partir do século XX, espaço aberto para os diversos contatos linguísticos.

Assim, no léxico do português brasileiro, devido à própria diversidade sociocultural decorrente do seu processo de formação, é notável a presença de diferenciados falares dentro dos limites geográficos do território brasileiro. No caso dos espaços rural e urbano, é comum haver o uso de unidades lexicais que se diferenciam, ora por caracterizarem aspectos típicos da realidade de um Brasil rural descoberto pelos portugueses e seus descendentes, ora por manifestarem as transformações de infraestrutura ocorridas no território brasileiro com o advento do processo de urbanização. No entanto, nesses espaços urbanizados, dependendo do contexto sociopolítico-econômico ainda vigente, é possível encontrar itens lexicais que revelam particularidades do falar rural.

3. *Influência do caipirismo na formação linguístico-cultural do Brasil Central*

De acordo com Cardoso e Ferreira (1994, p. 41), no Brasil, “a porta se abriu para os estudos dialetais com *O dialeto caipira*”, de Amadeu Amaral (1920), pois neles “encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região”. Essa obra tem o mérito não apenas de abordar questões linguísticas voltadas para o falar caipira, mas, sobretudo, o de apresentar um parâmetro para a pesquisa científica acerca dos falares regionais no Brasil, em virtude do seu rigor metodológico e dos critérios científicos utilizados para a recolha do material linguístico.

O estudo de Amaral (1920) referente ao dialeto caipira também contribuiu significativamente para a descrição da língua oral em uso pelos paulistas no início do século XX e também forneceu as primeiras pistas para os estudos de ordem fonética, morfológica e lexical da variedade do português nascida genuinamente em solo brasileiro. No nível fonético, foi identificado, dentre outros aspectos, que “o tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaças que enriquecem a expressão das emoções na pronúncia portu-

guesa” (AMARAL, 1982¹³¹, p. 45).

Esse estudo reúne ainda esclarecimentos referentes à formação de palavras, ao gênero, número e grau dos nomes, às flexões verbais e ao uso dos pronomes. Já ao tratar do léxico, o autor salienta processos de formação de palavras, destacando que o falar paulista é formado em parte por “elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais arcaizaram na norma culta” (AMARAL, 1982, p. 58).

No glossário apresentado na última parte da obra, o autor esclarece que “não se propõe reunir [...] todos os brasileirismos utilizados em São Paulo. Apenas registra vocábulos em uso entre os roceiros, ou caipiras, cuja linguagem, a vários respeito, difere bastante da gente das cidades, mesmo inculta” (AMARAL, 1982, p. 83).

Com base nos resultados do seu estudo, o dialetólogo afiança que “[...] o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o *caipirismo* não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana” (AMARAL, 1982, p. 41). Esse *caipirismo* que vigorava não estava arraigado apenas no modo peculiar de falar dos paulistas, mas, provavelmente, estendia-se a outras regiões brasileiras daquele período, devido à própria estrutura econômica e social do Brasil que, por extensão, propiciava o falar dito *caipira*.

Do ponto de vista histórico, sabe-se que esse dialeto *caipira* foi levado para o interior do Brasil por bandeirantes paulistas pertencentes à Capitania de São Vicente. O povoamento da região Centro-Oeste ocorreu no início no século XVII, em virtude do descobrimento das minas de ouro no atual território de Mato Grosso e, posteriormente, em Goiás. Essas minas foram encontradas por esses homens paulistas de ascendência portuguesa, com espírito de aventura, que se dedicavam à captura de indígenas e de escravos fugitivos e à procura de riquezas minerais na região central do Brasil. Esse fascínio dos bandeirantes pelo ouro foi importante, não apenas para o início do povoamento e do desenvolvimento da atual região Centro-Oeste, mas também para a disseminação da modalidade do português falado pelos bandeirantes da capitania de São Vicente (atual São Paulo) no interior do País.

No que se refere ao desbravamento de Goiás, Diégues Junior (1960, p. 273-282) esclarece que enquanto as bandeiras paulistas avança-

¹³¹ Para este estudo foi consultada a 4ª edição da obra, publicada em 1982.

vam para a parte sul, as expedições de jesuítas entravam pelo norte do território goiano. E, dessa forma, esses dois grupos contribuíram para o início do povoamento e para a solidificação de uma mescla linguística no Estado de Goiás. Todavia, de modo geral, coube aos bandeirantes paulistas o desbravamento de boa parte do território da atual região Centro-Oeste, sobretudo as áreas localizadas às margens dos rios. De acordo com Innocencio (1988, p. 87), “para alcançar os garimpos mato-grossenses, os povoadores, que provinham especialmente de São Paulo, utilizavam-se de vias fluviais [...] aos rios Paraná, Pardo, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá”.

De fato esses rios foram importantes para o acesso dos bandeirantes aos garimpos, mas também coube aos rios o mérito de terem propiciado os veios mais férteis para o desenvolvimento da pecuária que, por extensão, motivou o fortalecimento dos primeiros núcleos urbanos que consolidaram a região Centro-Oeste no contexto nacional. Até os dias atuais essa região brasileira mantém uma economia pautada nas atividades agropecuárias e, conseqüentemente, o falar dos seus habitantes evidencia, em maior ou em menor grau, traços de ruralidade no português contemporâneo falado pelos habitantes do Brasil Central.

Enfim, os estudos voltados para ao falar rural propiciam pistas para a compreensão da história da língua portuguesa do Brasil, em especial no que diz respeito às suas características rurais. Nesse contexto, as pesquisas de cunho dialetológico e geolinguístico fornecem dados confiáveis para a compreensão dos mais diversos fatos linguísticos e suas realizações.

4. O vocabulário rural na região Centro-Oeste

Como já anteriormente assinalado, os dados aqui analisados foram recolhidos de entrevistas realizadas pelo Projeto ALiB em 24 localidades da região Centro-Oeste, respostas obtidas para a pergunta 54 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (QSL) que busca designações para a “armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais para não atravessarem a cerca”, vinculada à área semântica das *atividades agropastoris*. Os informantes selecionados atenderam ao seguinte perfil: i) faixa etária: 18 a 30 anos (faixa etária I) e 50 a 65 anos (faixa etária II); ii) sexo: feminino e masculino; iii) escolaridade: ensino fundamental e ensino superior; iv) naturalidade: nascidos e criados na localidade pesquisada e com pais também nascidos e criados na mesma região linguística. Os entrevistados, ao serem questionados sobre o nome do conceito

em causa, mencionaram oito unidades léxicas distintas: *forquilha*, *cangalha*, *canga*, *cambão*, *gancho*, *coleira*, *cabresto* e *quaieira* (Tabela 1).

Item lexical	Centro-Oeste	Goiás	Mato Grosso	Mato Grosso do Sul
<i>Forquilha</i>	32,76%	36,96%	21,95%	41,38%
Não resposta	26,72%	17,39%	36,59%	27,59%
<i>Cangalha</i>	18,10%	15,22%	12,20%	31,03%
<i>Canga</i>	12,07%	21,74%	9,76%	-
<i>Cambão</i>	3,45%	2,17%	7,32%	-
<i>Gancho</i>	3,45%	2,17%	7,32%	-
<i>Coleira</i>	1,72%	-	4,88%	-
<i>Cabresto</i>	0,86%	2,17%	-	-
<i>Quaieira</i>	0,86%	2,17%	-	-
Total	100%	100%	100%	100%

Tabela 1: Produtividade das designações para “forquilha” na região Centro-Oeste.
Fonte: Marins (2012, p. 87)

4.1. Análise das designações documentadas

4.1.1. Dimensão espacial

No conjunto dos dados examinados, a unidade lexical *forquilha* foi a forma com maior índice de registro nos três Estados da região Centro-Oeste. Na sequência, em termos percentuais, situa-se o montante de “não respostas”, dado significativo no âmbito deste estudo, pois evidencia um possível desconhecimento do referente por parte dos falantes do meio urbano. Do ponto de vista espacial, as localidades de Mato Grosso foram as que registraram maior índice de ausência de resposta para a pergunta selecionada para este trabalho (QSL/054). O uso de nomeações específicas do universo rural, como *forquilha* e *cangalha*, apurado nos três Estados da região Centro-Oeste, parece justificar-se pelo quadro econômico predominante em uma região em que a pecuária é expoente nacional e, em razão disso, os falantes têm maior familiaridade com referentes próprios da zona rural e, conseqüentemente, com a terminologia usada para nomeá-los. As variantes *forquilha* e *cangalha* foram documentadas com maior índice de produtividade em Mato Grosso do Sul, onde foram registradas apenas essas unidades léxicas como designações para o conceito expresso na pergunta selecionada.

Já *canga* foi mencionada apenas em Mato Grosso e em Goiás. É possível que tanto os mato-grossenses quanto os goianos não façam dis-

tinção entre “a peça de madeira colocada no pescoço do animal para não invadir canteiros” com o aparato também de madeira usado para unir os bois. Em Goiás os informantes também citaram outras designações, a saber: *cabresto*, *quaieira* e *gancho*. O uso dessas três unidades léxicas que também nomeiam aparatos voltados para o universo rural identifica a familiaridade dos goianos com elementos da vida no campo. Em Mato Grosso também foram documentados os itens lexicais *gancho* e *coleira*. O registro dessa última variante evidencia uma possível falta de familiaridade com o referente, uma vez que *coleira* dá nome a uma peça “ger. de couro, que se coloca em torno do pescoço dos animais (esp. cães) para identificá-los, e a que se pode prender correia ou corrente” (AULETE, 2006). Logo, trata-se de um termo genérico em uso nos meios rural e urbano.

Enfim, a distribuição espacial das unidades lexicais em estudo permite confirmar a hipótese de que a seleção lexical de um grupo de falantes pode denunciar aspectos histórico-culturais da formação de uma dada localidade.

4.1.2. Dimensão social

Do ponto de vista diageracional, *forquilha*, em quase todas as cidades mato-grossenses, foi mencionada pelos falantes da faixa etária II (50-65 anos), prevalecendo entre falantes do sexo masculino, exceto em Cáceres – MT onde houve a menção desse item lexical por um informante jovem. Esses dados sugerem que *forquilha*, entre os mato-grossenses, está em vias de desaparecimento. A preferência pelo uso dessa variante entre falantes do sexo masculino também foi notória em Goiás, só que com maior vitalidade entre o grupo da faixa etária I do que o observado em Mato Grosso, o que aponta para uma possível manutenção dessa unidade léxica entre os goianos. O mesmo ocorre em Mato Grosso do Sul, onde a produtividade de *forquilha* é ainda maior, pois todos os informantes sul-mato-grossenses, independente do perfil, a mencionaram como resposta, incluindo os da capital, a área mais urbanizada dentre as oito pesquisadas.

No Centro-Oeste, enquanto a forma *forquilha* foi predominante entre os homens, *canga* foi a mais produtiva entre as falantes femininas. Apenas na cidade de São Domingos – GO houve a menção de *canga* por todos os informantes, o que evidencia a popularização desse item lexical nessa área geográfica.

De forma geral, as unidades léxicas *forquilha*, *cangalha* e *canga* foram mais produtivas entre os falantes da faixa etária II. Neste estudo, não houve resposta comum apenas entre os jovens. Esse grupo se particulariza, portanto, pelo alto índice de não respostas, conforme informa o Gráfico 1:

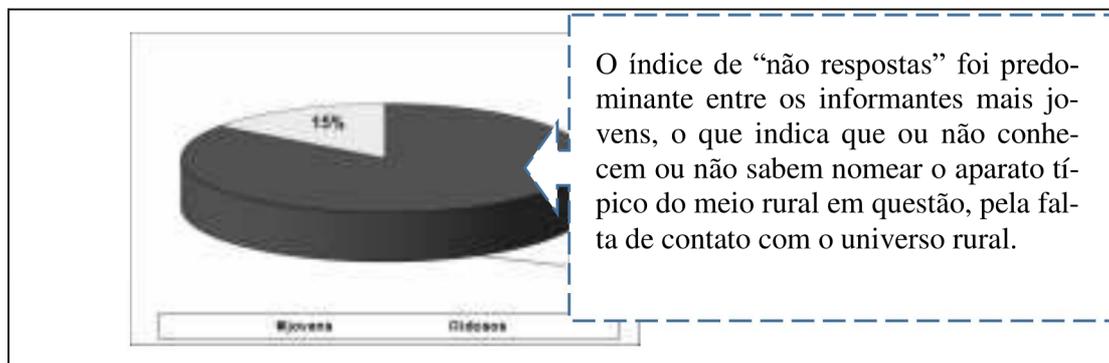


Gráfico 1 – Variação diageracional: índice de ocorrência de não resposta.
Fonte: Marins (2012, p. 103).

No conjunto dos dados catalogados, notou-se que, dos pontos de vistas diageracional e diassexual, a forma *forquilha* foi a mais produtiva entre os informantes da faixa etária II, enquanto *canga* alçou maior índice de ocorrência, sobretudo em Mato Grosso, entre os do sexo feminino dessa mesma faixa etária. Também foi possível detectar alto índice de não respostas entre o grupo dos mais jovens, o que evidencia o fato de que nomes tipicamente rurais que designam o conceito em causa podem estar caindo em desuso, dependendo da região.

4.1.3. Dimensão léxico-semântica

A análise léxico-semântica dos itens lexicais em exame foi dividida em dois grupos: o que reúne os itens que podem nomear a armação de madeira para o animal não atravessar a cerca: *forquilha*, *cangalha*, *gancho* e *cambão* e o que agrupa as unidades lexicais que também podem nomear outros conceitos ligados ao universo rural: *canga*, *cabresto*, *coleira* e *quaieira*.

Cabe destacar que, conforme a consulta a dois dicionários mais antigos da língua portuguesa – Bluteau (1712-1728) e Morais Silva (1813) –, os itens lexicais *forquilha*, *cangalha*, *gancho* e *cabresto* inicialmente não nomeavam o objeto colocado no pescoço do animal para impossibilitá-lo na travessia da cerca. Já as obras lexicográficas contemporâneas de Houaiss (2001) e de Ferreira (2004) registram definições

correspondentes ao uso pelos informantes do Projeto ALiB.

O Quadro 1, na sequência, apresenta as variantes catalogadas e suas respectivas definições, segundo o dicionário consultado.

	Unidade léxica	DICIONÁRIOS ¹³²	
		ANTIGOS	CONTEMPORÂNEOS
Grupo 01	<i>forquilha</i>	“he páo de tres pontas, que serve de tirar a palha mais miúda do trigo[...]” (BLUTEAU, 1712-1728).	“ ramo de árvore ou arbusto que se bifurca” (HOUAISS, 2001).
	<i>cangalha</i>	“duas canastras de grande páo que se acomoda nos seladouros das bestas pendendo de cada lado das suas cangas” (MORAIS SILVA, 1813).	“triângulo de madeira que se coloca no pescoço dos suínos para impedir que fucem canteiros ” (HOUAISS, 2001).
	<i>gancho</i>	“Ferro curvo” (BLUTEAU, 1712-1728).	“[...] forquilha para remexer ou estender estrume” (FERREIRA, 2004).
	<i>cambão</i>	-	“pedaço de pau que se dependura ao pescoço da rês bravia para impedi-la de correr ” (FERREIRA, 2004).
Grupo 02	<i>canga</i>	“jugo, com que se jungem os bois para lavoira” (MORAIS SILVA, 1813).	“peça de madeira utilizada para prender os bois pelo pescoço e juntá-los aos carro de bois”. (HOUAISS, 2001; FERREIRA, 2004)
	<i>cabresto</i>	“corda, cõ que se prende a beſta na eſtrebaria, & que tem lugar de freio” (BLUTEAU, 1712-1728).	“corda utilizada para frear o animal” (FERREIRA, 2004).
	<i>coleira</i>	“arma defensiva” (BLUTEAU, 1712-1728; MORAIS SILVA, 1813).	“arma defensiva” (HOUAISS, 2001; FERREIRA, 2004).
	<i>quaieira</i>	-	-

Quadro 1: Dicionarização das unidades lexicais que nomeiam a “armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais para não atravessarem a cerca” na região Centro-Oeste do Brasil

O primeiro grupo corresponde às unidades lexicais que nomeiam o conceito em causa. Nota-se que *forquilha*, resposta mais mencionada pelos entrevistados, tanto nos dicionários antigos quanto nos contemporâneos, aparece com a acepção de pau que tem a forma física de três pontas (um forçado: Y). Essa palavra, por extensão de sentido, nomeia “qualquer objeto com esse formato”, acepção referendada por Ferreira

¹³² Os grifos foram realizadores pelas autoras deste trabalho, com intuito de sinalizar os possíveis semas motivadores da resposta.

(2004), à medida que define *forquilha* como “pequeno forçado de três pontas”. Segundo os dicionários antigos, essa palavra dava nome ao aparato que era utilizado para rastelar a palha pequena contida no trigo. Provavelmente, com passar dos anos, foi recebendo novos significados e também passou a nomear o objeto colocado no pescoço do animal para impedi-lo de varar a cerca.

O mesmo ocorre com a unidade lexical *cangalha* que, segundo os dicionários antigos, dá nome a objetos com funções diferentes daquelas apresentadas pelos dicionários contemporâneos. Bluteau (1712-1728), por exemplo, define *cangalha* como “armadilha de paos q formão com hua grande larga [...]” e Morais Silva (1813) como “duas canastras de grande páo que se acomoda nos seladouros das bestas pendendo de cada lado das suas cangas. Armação de páo com suadoiros, ou estirões, que assentão no seladouro de cavalos de carga no Brasil”. Já os dicionários contemporâneos a definem no sentido mencionado pelos informantes entrevistados: “triângulo de madeira que se coloca no pescoço dos suínos para impedir que fucem canteiros” (HOUAISS, 2001).

Nota-se que, mesmo que as variantes *forquilha* e *cangalha* não tenham sido registradas nos dicionários dos séculos XVIII e XIX como nome dado à “armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais para não atravessarem a cerca”, elas já designavam aparatos com finalidades típicas do meio rural, seja como utensílio para retirar a palha do trigo, ou seja, a peça para carregar cargas no lombo das bestas, esses termos continuam sendo usados até os dias atuais, para nomear referentes ligados a atividades do meio rural.

O item lexical *gancho*, por seu turno, designa, segundo Bluteau (1712-1728) e Morais Silva (1813), o ferro curvo. Essa mesma acepção está registrada em Ferreira (2004), que define esse item léxico como “peça recurva, de metal ou de outra substância resistente, usada para suspender quaisquer pesos”. Já Houaiss (2001), entre outras acepções, marca *gancho* como um regionalismo de Portugal com a seguinte acepção: “ancinho ou forquilha para remexer ou estender estrume”. Nota-se que em Houaiss (2001) a variante *gancho* é apontada como sinônimo de *forquilha*, tanto que está definida da mesma forma que *forquilha* em Bluteau (1712-1728) e em Morais Silva (1813). Portanto, neste caso, o uso de *gancho* para nomear o aparato em causa não se refere apenas à utilização de um termo genérico, mas a uma designação cujo sentido foi preservado.

Já o item lexical *cambão* não está dicionarizado nem em Bluteau (1712-1728) e nem em Morais Silva (1813). É apenas definida por Houaiss (2001) como “peça de madeira com que se prende por correias um ou mais bois a um carro, arado, moinho, engenho ou outro aparelho ou veículo de tração animal [...]” e por Ferreira (2004) como “pedaço de pau que se dependura ao pescoço da rês bravia para impedi-la de correr”. De acordo com essa última definição, entende-se que *cambão* pode, por expansão de sentido, nomear o conceito em causa, já que possui os semas contidos na pergunta. Entende-se, então, tratar-se do mesmo referente, uma vez que esse objeto de pau, além de impedir o animal de correr, impossibilita-o de atravessar a cerca.

Já o segundo grupo mencionado reúne as unidades léxicas que também podem nomear outros conceitos ligados ao universo rural. A variante léxica *canga*, por exemplo, está registrada tanto nos dicionários antigos quanto nos contemporâneos como sinônimo de *cangalha*. Nesse caso, as definições de *canga* como sinônimo de *cangalha* estão no sentido de peça de madeira que une os bois pelo pescoço com finalidade de juntá-los ao carro de bois. É possível que o uso da forma *canga* para nomear o conceito expresso na pergunta 54 do *Questionário Semântico-Lexical* decorra da associação entre o instrumento colocado no pescoço do animal para puxar o carro de boi e a armação também feita com madeira para impedir que o animal passe a cerca, ambas nomeiam armações de madeira colocadas no pescoço do animal.

Já o uso da forma *cabresto* parece não ter sido motivado pelo sema “peça de madeira”, uma vez que, de acordo com as acepções apresentadas pelas obras lexicográficas consultadas, *cabresto* designa uma corda colocada no pescoço do animal para freá-lo. No caso, pode ter ocorrido uma associação entre a finalidade de frear o animal e a impossibilidade de ele atravessar a cerca. Importante frisar que *cabresto* no português contemporâneo nomeia outro referente usado em atividades com animais.

O mesmo pode ter ocorrido com o uso o item lexical *coleira*, que é definido, tanto pelos dicionários antigos quanto pelos contemporâneos, como “arma defensiva” utilizada no “pescoço dos animais”. Trata-se de um objeto feito de couro e não de madeira. Considerando-se que muitos informantes do ALiB desconhecem referentes tipicamente rurais, o uso de, *coleira*, por nomear um adorno comum nos animais domésticos, pode ter isso a única alternativa de resposta para o informante.

A última a unidade lexical catalogada, *quaieira*, não está diciona-

rizada nas obras consultadas. Todavia, ao pesquisar na ferramenta Google (site de busca) a frequência de *quaieira*, constatou-se o registro de aproximadamente 390 registros relacionados à opção “quaieira de cavalo”. No uso cotidiano das atividades do campo, *quaieira* nomeia a peça feita de couro, palha ou ferro que é colocada no pescoço do animal que contém um gancho no qual se prendem as correntes para puxar o arado ou a carroça. Importante frisar que esse uso denuncia o conhecimento do mundo rural por parte do entrevistado.

Diante do exposto, nota-se que todas as variantes catalogadas como resposta para a pergunta do Questionário Semântico-Lexical 54 nomeiam referentes ligados ao universo rural, incluindo aqueles que nomeiam outros conceitos. Observou-se que, na história da língua, uma dada unidade lexical pode adquirir novos sentidos, como ocorreu com *forquilha*, nome atribuído a qualquer objeto em formato de forçado, que passou a nomear especificamente um dado referente. O mesmo foi observado com relação ao uso da forma *gancho* que, de acordo com os dicionários consultados, designa um instrumento também em formato de forquilha. Já os itens lexicais *cambão*, *coleira*, *quaieira* e *cabresto* relacionam-se a instrumentos utilizados em animais, seja para impedir que eles corram, seja para proteger-lhes o pescoço. Cabe mencionar ainda que os itens lexicais *gancho* e *coleira*, na vida contemporânea, também podem nomear outros referentes não voltados para o universo rural.

5. Considerações finais

Este estudo confirma a importância das pesquisas geolinguísticas para a identificação de marcas diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas no vocabulário de um grupo social e, por extensão, de traços de ruralidade na fala desse grupo.

Os dados obtidos como resposta para a pergunta QSL/54/ALiB, aqui analisados, apontaram a forma *forquilha* como a mais produtiva entre os informantes idosos do sexo masculino de Goiás e de Mato Grosso, ao passo que *canga* predominou, sobretudo, em Mato Grosso, entre as mulheres da faixa etária II. Também foi notório que os habitantes de Mato Grosso do Sul, espaço fortalecido por uma economia voltada para a agropecuária, demonstraram familiaridade quanto ao uso de termos específicos ao universo rural, garantido, assim, a vitalidade de unidades léxicas como *forquilha* e *cangalha* no português contemporâneo falado no Centro-Oeste brasileiro. O estudo demonstrou, enfim, aspectos relacio-

nados à manutenção de determinadas unidades léxicas ligadas especificamente ao universo rural no acervo lexical de uma minoria de falantes urbanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Lexikon, 2006. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em: 03-05-2014.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 13-22.
- _____. O conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida (Org.). *A delimitação de unidades léxicas*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 89-97.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez & Latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. (Acervos on-line). Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>. Acesso em: 22-04-2015.
- CARDOSO, Suzana Alice; FERREIRA, Carlota. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ática, 1970.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionário 2001*. Londrina: Eduel, 2001.
- CORREIA, Margarita. *Os dicionários portugueses*. Lisboa: Caminho, 2009.
- DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP. Ministério da Educação e Cultura, 1960.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. Versão 5.0.

HAUY, Amini Boainain. *História da língua portuguesa I: séculos XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1994.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INNOCENCIO, Ney Rodrigues. Hidrografia. In: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Geografia do Brasil – Região Centro-Oeste*, vol. 1. Rio de Janeiro: IBGE, 1988, p. 73-90.

MARINS, Luciene Gomes Freitas. *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Área de Concentração: Linguística, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

MORAIS SILVA, Antônio de. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Tipographia Lacerdina, Tomos I e II, 1813. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>> Acesso em: 10-05-2012

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: ____; _____. (Orgs.). 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 09-11.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: ensaios*. 2. ed. Trad.: Joaquim Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

_____. *Introdução ao estudo da fala*. 2. ed. Trad.: Joaquim Mattoso Câmara Junior. São Paulo: Perspectiva, 1980.